

PORTUGAL  
SÉCULO XX

50

ROSTOS PARA  
UMA IDENTIDADE



josé afonso

SERIGRAFIA LEONEL MOURA  
TEXTO JOSÉ MÁRIO BRANCO

# liberdade e criação

"Veis, de menino de oiro pela mão, acordar a madrugada. E fez mais, às vezes, uma só canção do que muita panfletada".

Nos depoimentos que frequentemente são produzidos acerca do Zeca Afonso acaba sempre por haver uma tendência para destacar as riquezas, sem dúvida apaixonantes e essenciais, da sua imensa personalidade. Tal facto dever-se-á por certo à clara transparência da sua prática de vida e à naturalidade com que punha, no mais quotidiano gesto, todo o sentido dos valores que respirava — numa palavra, o exemplo que foi todo o seu percurso como cidadão, companheiro e artista.

Num país (e numa época) em que, por força da opressão, a criação — frágil e livre — se viu obrigada a alistar-se nos exércitos da utilidade social, é de esperar que se repare mais na humilidade do exemplo do que na genialidade intrínseca da obra.

Mas José Afonso — a par de Ferré, Beel, Yupanqui, Dylan ou Chico Buarque — é um dos poucos autores-intérpretes que, no nosso século, provaram que a forma musical "canção popular" ultrapassa muito o estatuto de arte menor e atinge os mais altos níveis de qualidade estética poético-musical.

Diga-se, em abono da verdade, que o próprio Zeca Afonso nunca apreciou muito que se puxasse para este campo o debate sobre a sua obra. Sempre cuidando (e com que mestria!) os aspectos formais as suas canções, ele sobrelevava sistematicamente a sua potencial utilidade para as pequenas e grandes causas da Humanidade. Sentia-se mais à vontade na pele de testemunha activa do seu tempo do que na de um poeta prospector de

eternidades. Certamente por saber, como sempre souberam os grandes, que os "aspectos formais" não são assim tão meramente formais, e que é sempre do solitário combate contra a matéria que acaba por nascer o sentido da obra criada.

O gesto criativo de José Afonso era, à primeira vista, espontâneo, simples, quase primitivo e orgânico. A balada coimbrã — matriz de origem, ela própria radicada no cancionário tradicional beirão e açoreano — foi o veículo formal de um poderoso assumir das suas raízes poético-musicais. Anos mais tarde, a vivência africana provoca-lhe uma verdadeira explosão de formas melódicas, rítmicas e timbricas, e — talvez mais que tudo — da função musical da palavra cantada.

O chão desta fonte de música era a sua profunda cultura humanística, assimilada e vivida. Praticar a liberdade dá asas à criação, eis o que a vida e a obra do Zeca nos ensinam.

A obra de José Afonso, no seu todo, é um património fundamental da cultura portuguesa deste século. Fonte inesgotável de propostas, de caminhos possíveis, limiar de contacto directo com as sombras da nossa identidade de povo antigo e perdido. E, tal como a todo o nosso património, essa obra vive no perigo permanente de lhe acontecer o que vi, não há ainda muito tempo, numa praça de Lisboa: uma bellissima vivenda pombalina disfarçada de loja de "hamburgers".

Começam a abundar, por aí, deploráveis sinais de um aproveitamento bastardo e oportunista do seu génio.

Que não se cansem de nascer as fontes onde o Zeca foi beber.

\*músico, cantor e compositor



José Mário Branco\*

PUBLICO

José Manuel Cerejeira Afonso dos Santos nasce em Aveiro, a 12 de Agosto de 1929, filho de José Nepomuceno Afonso e Maria das Dores. Até aos dez anos anda por Angola (1933-36), Aveiro (1936), Moçambique (1937), Belmonte (1938-39). Em 1940 vai para Coimbra, onde casa pela primeira vez e onde fica até ser chamado ao serviço militar, em 1953. Entretanto, começa a cantar. Primeiro no liceu, depois na Universidade. Rui Pato, seu amigo, acompanha-o à viola. Grava o primeiro disco ("Balada do Outono") no final da década de 50 e, durante uma deslocação ao Algarve (é então professor) conhece aquela que virá a ser a sua futura mulher, Zélia Santos. É com ela que, em

1964, rumo de novo a África, com destino a Moçambique, uma viagem decisiva no eimentar da sua consciência anticolonial. No regresso, é expulso do liceu e perseguido pelas suas posições políticas. Casta mais para sobreviver do que por opção de carreira, mas no entanto os seus dias começam a ser lundeiros de uma geração que vê nele um dos seus mais lúcidos arautos. A escolha de "Grândola Vila Morena" para senha do 25 de Abril de 1974 associa para sempre o seu nome à história da revolução dos cravos. De 1964 até 1965 gravou quinze álbuns, com destaque para "Baladas e Canções" (1964), "Cantigas do Maio" (1971), "Verdum Maio Curo" (1973) e "Como Se Fora Seu

Filho" (1983). Num deles, ficou registado o seu primeiro grande concerto como músico profissional, a 29 de Janeiro de 1983 no Coliseu de Lisboa, já a doença que o vitimou (uma esclerose lateral amiotrófica) o minava. José Afonso morreu no Hospital de Setúbal, a 23 de Fevereiro de 1987, com 57 anos. A perpetuar a sua obra e memória, como músico, poeta, cantor e compositor, registou-se a actividade da Associação José Afonso, o prémio musical José Afonso atribuído anualmente pela Câmara da Amadora e os discos (de homenagem ou reencontro) "Filho da Madrugada" (1994) e "Maio Maduro Maio" (1995), onde se propõem diferentes releituras de muitas das suas canções.

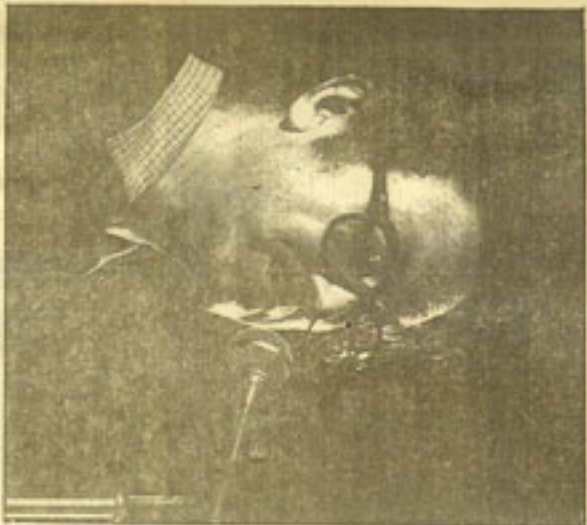
217/80.96



# O PRIMEIRO DE JANEIRO

Em Viana do Castelo

## Homemagem a Zeca Afonso aponta para o parlamento



Zeca Afonso, músico e poeta: um acto de solidariedade e denúncia em Viana do Castelo, no próximo dia 29.

Prestar uma grande homenagem a José Afonso e, a um tempo, chamar a atenção dos grupos parlamentares para a grave situação presente do músico e poeta dos "Vampiros" e de "Grândola, Vila Morena", são os escosos essenciais do espectáculo que, no próximo dia 29, se realiza em Viana do Castelo, numa iniciativa do Centro de Cultura do Alto Minho.

Estas intervenções e os portamentos sobre o espectáculo do homenagem a Zeca Afonso foram organizados numa conferência de empre-

sa, realizada nas instalações da revista "Mundo da Canção", no Porto. Maurício de Sousa e José Luís Carvahido, do C. C. do Alto Minho, elucubram as representações dos órgãos de comunicação social, definindo os objectivos da homenagem em três pontos:

1. — Honrar o trabalho de um dos maiores cabouqueros da música portuguesa.

2. — Chamar a atenção dos vários grupos parlamentares, no sentido de que a José Afonso seja atribuída uma pensão vitalícia.

3. — Denunciar uma situação que permita que homens como José Afonso consigam a um ponto da vida em que quase têm que estender a mão à caridade.

José Luís Carvahido dirá, ainda, ao "P.J." que, no espectáculo a realizar em Viana do Castelo, no Pavilhão de Mouraria, pelas 20 horas, se escolheu a qualidade, em detrimento da quantidade. E acrescenta:

— Estamos a ter o maior cuidado com tudo o que se relaciona com as condições físicas, privilegiando o som e a luz, com as respectivas tarefas entregues a profissionais de comprovada competência. Além disso, os artistas presentes na festa não terão uma simples passagem, mais ou menos simbólica, pelo palco: cada um deles actuará de 45 a 60 minutos.

No dia 29 de Março, portanto, homenagem a José Afonso, na Prolongada do Lima. Uma festa que preocupará a tarde,

pelas 16 horas, na Praça da República, com uma adegna minhota; participação de zé-pereiras, números de fadoiro e de muita música popular. A noite, a partir das 20 horas, o espectáculo, com as presenças do Vivorro, Sérgio Godinho, os Toname, António Vitorino de Almeida, Francisco Faria, Junta Salomé, Grupo de Jazz Sins, Grupo de Fados de Coimbra.

Simultaneamente, no Largo de São Domingos, estará patente uma exposição de Artes Plásticas em que se terão representado os seguintes artistas: Júlio Resende, Jorge Ulisses, Manuel Marçal, Gai Teixeira Lopes, Maria José Mathus, Antsai Afonso, Helena Cabral, Barros Lima, Isidoro Mourão, Salvador Vieira e Manuel Rocha.

Antes, no dia 23, haverá uma visita guiada; no dia 30, a presença do poeta João Cabrita, com Fco de Freitas e passagem de dispositivos sobre José Afonso.

MAIA — No Castelo